



## **DISTRITOS INDUSTRIAIS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA E CARACTERÍSTICAS**

Gustavo Rodrigo Hansen Joner<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Cerro Largo. E-mail: gustavojoner@yahoo.com.br.

### Resumo

Este artigo tem o objetivo de contribuir com a contextualização das perspectivas teóricas existentes sobre os distritos industriais, trazendo elementos que possam auxiliar na identificação das características, vantagens e pontos fracos desses espaços. A caracterização dos distritos industriais pode colaborar para diferenciá-los das diferentes abordagens de aglomerados territoriais, visto que, muitas vezes, existem dúvidas na definição de um distrito industrial. Propõe-se também expor esses espaços num contexto de aglomerações geográficas e alternativas para o desenvolvimento regional. O artigo sugere que existem pontos positivos na adoção desses espaços, no entanto, num cenário de globalização, carecem de alguns elementos relacionados a inovação, aprendizagem e modernização tecnológica.

Palavras-chave: Distrito industrial. Aglomerações produtivas. Aglomerações territoriais. Sistemas produtivos locais. Desenvolvimento Regional.



## INTRODUÇÃO

Desde os primeiros estudos sobre aglomerados geográficos de Alfred Marshall até autores mais contemporâneos, os conceitos sobre o tema dos aglomerados geográficos tiveram uma grande evolução e se ramificaram em diversas perspectivas teóricas, tais como economia, estratégia e geografia econômica (GIULIANI, 2005).

A concentração das indústrias esteve, inicialmente, condicionada aos aspectos físicos da época, tais como, a natureza do clima e do solo, a proximidade das minas de carvão e de pedreiras e pelo fácil acesso por terra ou mar aos principais mercados consumidores. Destaca-se também a vantagem que a indústria localizada obtém em relação a outras indústrias que não concentram suas empresas geograficamente. A localização elementar da indústria preparou, gradualmente, o caminho para muitos avanços modernos na divisão do trabalho, especialmente nas artes mecânicas e na tarefa de administração. Nas últimas décadas, as mudanças decorrentes do processo de globalização trouxeram vários desafios a proposta de criação de distritos industriais.

A investigação dessa estrutura organizacional da produção remete-nos aos estudos de Marshall sobre a organização da produção, identificando assim a formação dos distritos industriais. Este autor, reconhecido por ter realizado o primeiro estudo clássico sobre desenvolvimento regional, abriu caminho para o surgimento de uma vasta gama de variantes a partir do conceito de distritos industriais, as quais procuram identificar e classificar a formação de aglomerações produtivas. Durante anos a literatura econômica conseguiu identificar os aglomerados, principalmente através de análises empíricas da indústria mundial, dentro da qual foi identificada a presença de relações de confiança entre as firmas e a introdução de novos agentes no processo produtivo

Desde o final dos anos 70 tem-se verificado debates acerca do desenvolvimento de determinadas regiões espaciais, procurando especificar os fatores que têm contribuído para o desenvolvimento de espaços distantes dos grandes centros urbano-industriais, tradicionalmente dinâmicos economicamente. Inúmeras pesquisas procuram explicar tal constatação, sendo que grande parte desses estudos pode ser assim sintetizada: cidades, regiões ou territórios não apenas são suportes passivos de localização de atividades econômicas, senão que podem se transformar em âmbitos espaciais ativos, assumindo um certo protagonismo na decisão dos seus destinos (DALLABRIDA; SIEDENBERG; FERNANDEZ, 2004).

O presente artigo procura contribuir com uma breve contextualização teórica relacionada aos distritos industriais, trazendo elementos que possam auxiliar na identificação



de vantagens, pontos fracos e caracterização desses espaços num contexto de aglomerações territoriais e desenvolvimento regional.

A identificação de novas definições a respeito da concentração espacial das empresas pode ter implicação direta na formulação de políticas industriais. Neste sentido, a caracterização dos distritos industriais pode contribuir para diferenciá-los das diferentes abordagens de aglomerados territoriais, visto que, muitas vezes, existem dúvidas na definição de um distrito industrial. Nessa direção, há um conjunto de autores que consideram a dimensão local como fator determinante da capacidade inovativa e que encaram as aglomerações locais como uma alternativa viável e relevante de desenvolvimento econômico.

O trabalho, além desta introdução, está dividido em duas outras seções. Na primeira encontra-se uma breve contextualização teórica dos distritos industriais, especialmente marshalliano, a seção seguinte expõe algumas características, vantagens e pontos fracos dos distritos industriais, e finalmente na última as conclusões do estudo.

## **BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA**

Nas últimas décadas o território passou a ser vislumbrado como um grande complexo produtivo, onde o foco de interesse que estava direcionado na empresa, vista isoladamente, passa para um conjunto de empresas, localizadas em um mesmo território. A preocupação com a dimensão local dos sistemas globais de produção apresenta, como cerne central, a análise da necessidade de identificação de fatores que possam ser capazes de gerar configurações produtivas com desempenho diferenciado. A literatura é ampla e diversificada, sendo que apresenta várias vertentes de análise, como, por exemplo, do conceito de distrito industrial, amplamente utilizado pelos herdeiros diretos de Marshall, especialmente na Itália (VALE; CASTRO, 2010).

No final do século XIX, a literatura de aglomerados geográficos teve início com Marshall. As conceituações iniciais de Marshall trataram do conceito de Distrito Industrial, sendo que para o autor era um "grande número de pequenos negócios de um tipo similar na mesma localidade" (MARSHALL, 1920, p. 277). Ao tratar sobre os distritos industriais, Marshall (1920, p. 152-153) entende que

podemos dividir as economias resultantes de um aumento na escala de produção de qualquer tipo de mercadoria, em duas classes - em primeiro lugar, aquelas que dependem do desenvolvimento geral da indústria; e, em segundo lugar, aqueles que dependem dos recursos de cada uma das empresas envolvidas, da sua organização e da eficiência da sua gestão. Podemos chamar as antigas de economias externas e as últimas de



economias internas. [...] economias externas [...] que muitas vezes podem ser asseguradas pela concentração de muitas pequenas empresas de caráter semelhante em determinadas localidades: ou, como é comumente dito, pela localização da indústria.

Nessa linha, o conceito de economias externas refere-se aos benefícios que advêm do desenvolvimento de uma indústria verificados graças à aglomeração dos atores. Atualmente, a terminologia mais utilizada em relação a economias externas é externalidades ou externalidades positivas. Marshall (1920) afirma que para a existência de um distrito industrial e de economias externas são necessários três fatores: disponibilidade local de insumos, presença de mão de obra qualificada e transbordamentos de conhecimentos.

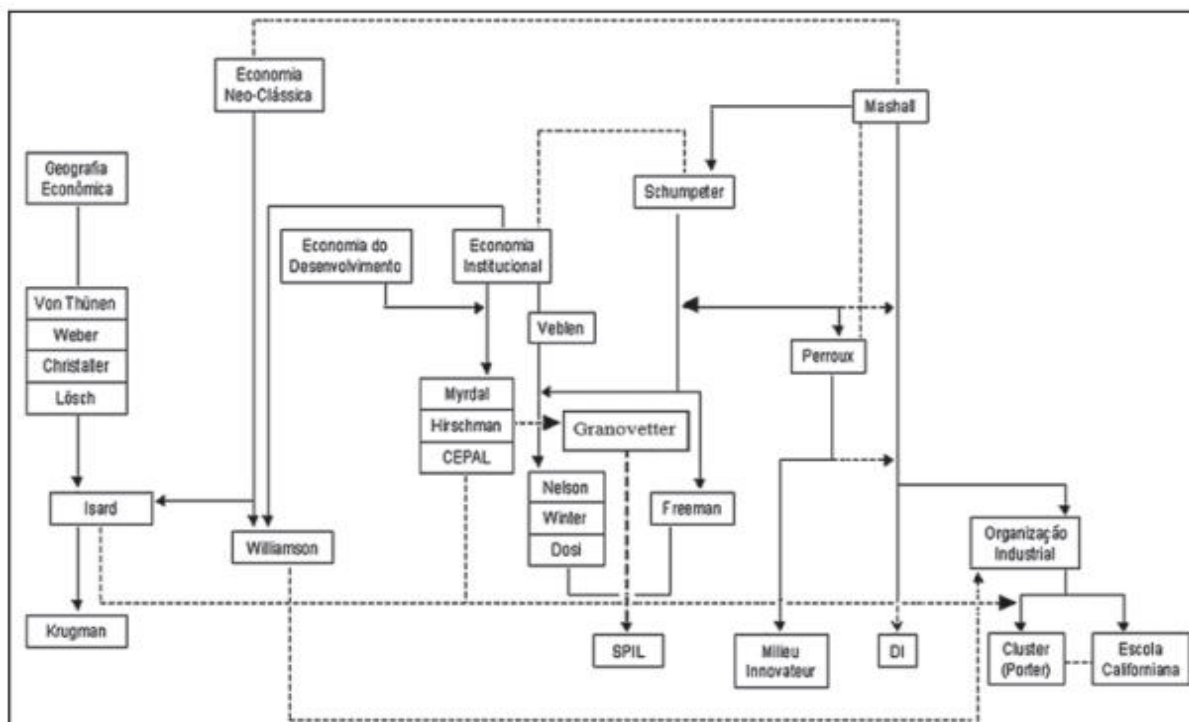
Ao elaborar uma tipologia de análise em relação as aglomerações produtivas locais, surgem conceitos amplamente utilizados, como clusters, distritos industriais, sistemas inovativos e arranjos produtivos locais. Nesse sentido, Vale e Castro (2010, p. 83) destacam que

a pesquisa sobre as origens das proposições correntes permitiu caracterizar, inicialmente, seis vertentes teóricas, a saber: I) a vertente neoclássica do desenvolvimento regional; II) as preocupações com o desenvolvimento e os desequilíbrios regionais; III) as vertentes institucionalistas; IV) a influência de Schumpeter nas contribuições de Perroux; V) as vertentes herdeiras das tradições marshallianas; e, VI) a influência da sociologia econômica. Analisando-se a evolução do pensamento na área, pode-se constatar que tais blocos deságuam em três grandes conjuntos teóricos sobre a temática das aglomerações produtivas: I) as análises regionais de inspiração neoclássica; II) as análises regionais de inspiração institucional; III) as análises regionais sobre organização industrial. Tais conjuntos caracterizam uma tipologia de análise sobre aglomerações produtivas.

Existe uma grande influência recíproca entre as diversas abordagens, apesar de existirem divergências internas, principalmente geradas pela presença de diferentes pressupostos e premissas. Além de resgatar e consolidar proposições e conceitos derivados de diferentes vertentes teóricas, as abordagens correntes forjaram um conjunto original de concepções e propostas para tratamento das aglomerações produtivas, competitividade empresarial e desenvolvimento local (VALE; CASTRO, 2010).

Segundo Vale e Castro (2010), as diferentes correntes possuem conexões diretas e indiretas, como é ilustrado no Quadro 1, o qual foi elaborado pelos autores.

Quadro 1 – Aglomerações Produtivas: Principais Blocos de Contribuições Teóricas



Fonte: VALE E CASTRO, 2010, p. 93.

Segundo Vale e Castro (2010), conforme quadro 1, a vertente herdeira das tradições Marshallianas pode ser dividida entre a corrente da organização industrial e a corrente dos distritos industriais. No primeiro grupo, bastante diversificado, aparecem os estudos do Grupo da Califórnia relacionados aos fatores de inovação técnica, organização industrial e localização. Também podemos destacar os trabalhos de Porter(2003), o qual salienta o papel de alguns fatores territoriais na identificação de fatores condicionantes de vantagens competitivas de nações, regiões e empresas num mundo global. No segundo grupo, relativamente a abordagem dos Distritos Industriais, Becattini (1994) é um dos precursores ao buscar sistematizar um conceito sistemático do distrito industrial marshalliano, baseando-se também em bases socioculturais e não apenas em características econômicas.

A abordagem do desenvolvimento numa perspectiva territorial, pode ser classificada em duas vertentes: a globalista e a regionalista. A vertente globalista sustenta-se na tese da homogeneização do espaço local, baseada nos princípios liberais, entende que é possível uma situação de competição perfeita entre localidades. A vertente regionalista destaca a perspectiva da territorialização do desenvolvimento perante a economia internacional globalizada, o que aumenta a capacidade das cidades-regiões-territórios atuarem sobre fatores estruturais em função das especificidades do local(DALLABRIDA; SIEDENBERG; FERNANDEZ, 2004).



A vertente de abordagem regionalista, em grande parte, retoma os trabalhos teóricos do enfoque clássico de Alfred Marschall, podendo ser dividida em: estudos centrados na problemática da organização industrial; estudos centrados na crise do fordismo; estudos centrados nos distritos industriais e estudos centrados nos meios inovadores (DALLABRIDA; SIEDENBERG; FERNANDEZ, 2004). No presente trabalho, procura-se analisar a adoção dos distritos industriais como forma de organização territorial numa perspectiva regionalista, considerando as particularidades do local perante um cenário de globalização.

## **DISTRITOS INDUSTRIAIS**

Os distritos industriais italianos foram os primeiros a se destacar nas novas formas de organização territorial. Os estudos empíricos centrados nesses distritos mostraram a estreita relação entre a organização industrial e a organização social que oportuniza a sua reprodução, sustentando processos de inovação centrados no território (LOPES, 2001).

Ao pesquisar sobre os primeiros estudos em relação aos distritos industriais, podemos dizer que “os estudos realizados sobre os chamados distritos industriais, principalmente na Terceira Itália, são abordados originalmente por Becattini (1987, 1989 e 1994), Garofoli (1983, 1988 e 1994), Bagnasco (1977), Brusco (1982)”. (DALLABRIDA; SIEDENBERG; FERNANDEZ, 2004, p.40).

Em seguida, tivemos um conjunto de novas análises realizadas por autores europeus, por exemplo, Maillat, Claude Courlet, Putnam, Bernard Pecqueur, Philip Cooke, Pyke, Vázquez-Barquero e José Reis (LOPES, 2001).

Analisando a experiência italiana, existe um consenso entre os estudiosos do tema de que a produção no interior dos distritos industriais está baseada na especialização flexível, a qual pode ser entendida como um modelo de organização do trabalho que pretende superar a rígida estrutura de produção presente no fordismo (DUAIBS, 2016). Segundo Harvey(1992), caracteriza-se pela flexibilização dos processos de trabalho, dos produtos, dos mercados e dos padrões de consumo.

Capecchi (1992) compara algumas características existentes nesse modelo e no modelo fordista de produção. Na especialização flexível, as fábricas se dedicam à produção em pequena escala e a produtos personalizados, o que vai na contramão da produção em massa verificada nas empresas que adotam o sistema fordista. Em relação à organização do trabalho, pode-se dizer que ela se baseia em três níveis: trabalhadores de escritório, trabalhadores qualificados e trabalhadores não qualificados, enquanto que, no fordismo,





presencia-se uma clara separação entre os trabalhadores, havendo um número reduzido de funcionários qualificados e um grande número de trabalhadores não qualificados.

A especialização flexível verificada nos distritos industriais identificados por Marshall em 1919 e analisada por autores como Piore e Sabel (1984) e Becattini (1989; 1992) em seus estudos sobre a organização da produção no eixo centro-norte da Itália, pode ser descrita como uma produção flexível que satisfaz as necessidades dos clientes, organizada em inúmeras pequenas e médias empresas, inseridas num território determinado geograficamente e que utilizam o mesmo modelo de produção, além de possuir liberdade para venderem seus produtos diretamente ao consumidor final ou para integrarem parte do processo que constitui determinada cadeia de produção. A dicotomia competição/colaboração que a relação entre essas empresas enseja, ocorre de forma a não prejudicar o distrito industrial, que por sua vez possui estreitas relações com as esferas familiar, social e política na cidade que o acolhe.

Nessa linha, os distritos industriais inserem-se num âmbito geográfico reduzido, formado principalmente por médias e pequenas empresas com relações setoriais e cooperação entre si. Destaca-se o caráter familiar, o que é diferente em relação as grandes multinacionais que, atualmente, dominam o mercado mundial. A existência de um sistema social e institucional local assegura a regulação e a reprodução do distrito, através da existência de um conjunto de valores e de pensamento enraizados na comunidade local e que possam ser transmitidos de geração em geração.

De acordo com Lopes (2001), após sintetizar a bibliografia existe, podemos apresentar as seguintes características principais dos distritos industriais:

1. Aglomerações territoriais que possui a indústria como atividade econômica dominante, apresentando uma forte e historicamente consolidada especialização em toda cadeia de valor de um dado segmento produtivo;
2. Configuram modelos de acumulação flexível, apoiados numa intensa divisão social do trabalho entre pequenas empresas, as quais atuam num modelo organizacional pautado em relações de colaboração que se sobrepõe às relações concorrenciais de mercado;
3. A cultura técnico-produtiva historicamente consolidada confere ao Distrito um saber-fazer específico cujo fiel depositário é o tecido social e empresarial local. A organização possibilita uma ampla rede relacional, que para alguns autores configura uma rede local de inovação. A ampla rede relacional gera uma ampla e rápida circulação das informações, dos melhoramentos técnicos e organizacionais, aumentando a eficácia global do sistema local;



4. Constitui um espaço-território onde a forte especialização ao nível da empresa proporciona a obtenção de economias de escala, e a divisão do trabalho resulta na obtenção de economias de aglomeração. O modelo de organização territorial da produção permite às empresas localizadas no distrito industrial fortes vantagens competitivas associadas à flexibilização e às economias externas;
5. A grande flexibilidade e mobilidade do trabalho leva a taxas de renovação do emprego nas empresas, atreladas a formas de organização social e gestão de recursos humano locais. Cria-se um ambiente social que estimula o espírito e a iniciativa empresarial, o qual alimenta uma expectativa social ascendente;
6. Considerando a natureza do tecido social exigido pelo distrito, a sua reprodução econômica requer a existência de um sistema social e institucional local que assegure a sua regulação, através de um sistema homogêneo de valores e de pensamento enraizado na comunidade local. A adoção e a propagação permanente desses valores de geração em geração deve ser construído através de um conjunto de instituições (mercado, empresa, família, Igreja, escola, instâncias públicas e instâncias políticas), que nunca podem ser caracterizadas pelo entrave ao espírito empresarial ou inovações tecnológicas;
7. A competitividade externa do distrito é assegurada com a existência de redes de organização do mercado que asseguram permanentemente a colocação dos excedentes locais no mercado global e consolidem as relações do distrito com os seus clientes. Esse papel de mediador comercial e articulação entre as tendências de evolução e as potencialidades do distrito pode ser desempenhado por empresários ou agentes políticos;
8. O agente de representação será fundamental para desenvolver a relação do local com o global. Essa representação pode se dar através de um suporte institucional de representação política que desenvolva o enraizamento social, o que é essencial para garantir o controle local do processo e a reprodução dos próprios distritos. Alguns autores entendem que a capacidade de representação coletiva tem um destaque equivalente a cultura técnica local e o desenvolvimento socioeconômico. Outros autores classificam como condição necessária para classificação de distrito industrial;
9. O distrito industrial é entendido como um modelo de desenvolvimento alternativo por alguns autores, inserindo como requisito da sua definição a existência de um modelo de regulação territorial a par de acumulação flexível, o qual é assegurado pela intensa divisão social do trabalho entre as empresas. O modelo de regulação apresenta um conjunto de comportamentos individuais contraditórios em relação aos princípios coletivos, o que reflete a importância das redes e relações de reciprocidade no caso dos sistemas industriais locais.



Nesse sentido, podemos perceber várias características relacionadas aos distritos industriais e que, se adotadas, poderão constituir vantagens competitivas para as empresas que estão localizadas nesses aglomerados. Cumpre mencionar, ainda em relação às características, que existem diferenças entre áreas industriais e distritos industriais. As áreas industriais são áreas do território municipal, previstas no plano diretor, destinadas para instalação de indústrias, sendo que não podem ser confundidas com o conceito de distrito industrial.

O sucesso da abordagem dos distritos industriais está relacionado: ao alto grau de divisão do trabalho; por compreender competição e cooperação; pelo foco no uso flexível da força de trabalho na disseminação do conhecimento e pela interação com suporte de organizações de apoio (GIULIANI, 2005).

Para Giuliani (2005), ao analisar a formação de um conceito de aglomerados geográficos, existe uma hibridização do distrito industrial Marshalliano, com base no qual vários conceitos foram elaborados. Dessa forma, conforme quadro 2, a autora elaborou um resumo sobre conceitos importantes, diferenciando se os aglomerados apresentam: especialização setorial, redes sociais e redes de aprendizagem e inovação.

Quadro 2 – Aglomerações Produtivas: Principais Blocos de Contribuições Teóricas

|   | Nenhuma outra característica                         | Redes sociais                               | Redes de aprendizados e inovação                    |
|---|--|---|---|
| Aglomeração geográfica mais especialização setorial | Distritos industriais Marshall, 1920                 | Distritos industriais Becattini, 1979;1990  | Distrito tecnológico Storper, 1997                  |
|   | Cluster Swann & Prevezer, 1998                       | Localidade industrial Scott, 1998           | Sistemas de inovação local Cassiolato et al., 2003. |
|   | Cluster Humphrey & Schmitz, 1996                     | Cluster inovativo Simmie & Sennet, 1999     | Sistemas produtivo local Cassiolato et al., 2003.   |
|   | Sistema produtivo localizado Belussi & Pilotti, 2001 | Sistema produtivo local Garofoli, 1989;1991 | Cluster Porter, 1998                                |
|   |  | Área especializada Capello, 1999            | Cluster industrial Morosini, 1994                   |
|   | Apenas aproximação geográfica                        | Cluster regional Enright, 1996              | Milieu Capello, 1999                                |
|   | Arranjo produtivo Cassiolato et al., 2003            | Área de sistema Garofoli, 1991              | Milieu inovativo Carmagni, 1991; Gordon, 1991       |

Fonte: GIULIANI, 2010, p. 273.



As aglomerações possibilitam ganhos competitivos às empresas, à medida que se caracterizam por compreender: um conjunto de médias e pequenas empresas, especializadas setorialmente e concentradas espacialmente; um conjunto de articulações para frente e para trás, baseadas nas trocas comerciais e não comerciais de produtos (informações e pessoas); características sociais e culturais comuns, ligando os agentes econômicos e criando um código de conduta e de comportamento; além de uma rede de instituições locais, públicas e privadas, dando suporte aos agentes econômicos que lá atuam (RABELLOTI, 1995).

Ao analisar as características de diversos modelos de aglomerações produtivas, os autores também apontam críticas e limitações ao modelo de organização dos distritos industriais. Segundo Lopes(2001), os principais teóricos apresentam alguns pontos fracos que influenciam na evolução dos distritos industriais:

1. Presença de fortes mecanismos de regulação local podem levar a reações lentas do sistema local em relação às alterações do mercado;
2. Problema da orientação estratégica da economia local, problema tanto mais pertinente quanto a atômica empresarial do distrito, que impede a emergência de uma empresa que reflète a capacidade produtiva do sistema local;
3. Fraca capacidade dos distritos influenciar as políticas econômicas e regionais, aliada a uma política de crédito normalmente desfavorável às pequenas empresas;
4. Fraca terceirização local;
5. A criação de complexos problemas de regulação que não tem solução a nível local, relacionados a componentes socioculturais e puramente econômicos. As condições exteriores, às vezes, são difíceis de serem adaptadas pelo distrito, o que podem gerar desintegração do seu sistema institucional e de valores.

Ao analisar as dificuldades enfrentadas pelos distritos industriais, apontadas por alguns autores da vertente regionalista relacionada aos distritos tecnológicos, Rotta (2007, p.108) assinala que

eles apontam a intensificação da concorrência internacional, a dificuldade de promover a inovação de produto e de processo, a incipiente ligação com as instituições de investigação universitária, a dificuldade de acesso ao financiamento da inovação, as limitações da pequena escala das redes de colaboração e as dificuldades em enfrentar os desafios da preservação ambiental.

Os problemas enfrentados pelos distritos industriais foram um dos fatores que oportunizaram o surgimento de outras formas de aglomerações territoriais como, por exemplo, os distritos tecnológicos, os tecnopolos, os meios inovadores e os arranjos produtivos locais.



Nessa linha, a reconfiguração espacial gerada pelos efeitos da globalização e a flexibilidade das novas tecnologias permitem a descentralização territorial ao tornar a produção menos dependente do custo da localização, porém, aparece a importância das infraestruturas territoriais de suporte relacionadas a qualificação dos recursos humanos, informação e inovação, bem como das condições de vida e vivência cultural. Nesse novo contexto espacial, além da estrutura de especialização, ganha importância a capacidade de inovação de cada território, ressaltando o esforço de compreender as relações entre inovação e território (LOPES, 2001).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A maior parte das características elencadas em relação aos distritos industriais procuram demonstrar que a concentração regional e setorial de pequenas e médias empresas proporciona maior facilidade para a ação conjunta, permitindo ganhos para a aglomeração como um todo. Pode-se ainda comentar que, embora a revisão da literatura pareça indicar com nitidez a relevância dessas aglomerações, uma vez que compreendem um espaço privilegiado de interação entre diferentes atores na busca de vantagens competitivas, há ainda uma série de aspectos a serem investigados.

O estudo sobre as características dos distritos industriais pode auxiliar os gestores públicos na compreensão e definição de políticas públicas relacionadas ao desenvolvimento regional, visto que, muitas vezes, o desenvolvimento da indústria local é um instrumento de geração de riquezas.

As experiências com distritos industriais são encontradas em inúmeros países, entre eles Brasil, México, França, Índia e Alemanha. No entanto, o modelo italiano é considerado um grande exemplo de sucesso, ainda configurando um caso, muitas vezes, difícil de ser replicado, tendo em vista o forte vínculo comunitário nutrido entre os membros de uma mesma região, a dinâmica de competição/cooperação no interior dos distritos e o papel dos governos italianos em apoiar e estimular políticas para as pequenas e médias empresas.

A globalização e o aumento da concorrência internacional trouxeram desafios para a manutenção dos distritos industriais. Nessa linha, destaca-se a dificuldade da inovação e sua relação com o território e a modernização tecnológica. Ainda é uma incógnita saber se os distritos industriais continuarão a ter um papel importante no futuro, mas algumas de suas características como a qualificação e a polivalência exigidas na mão de obra parecem ter se consolidado na atual organização do trabalho mundial. Além disso, entre outros, surgem como alternativas de superação dessas barreiras: o protagonismo do conhecimento e da



aprendizagem coletiva, a criação de um processo endógeno de desenvolvimento local e a instituição de distritos tecnológicos.

## REFERÊNCIAS

- BAGNASCO, Arnaldo. **Tre Italie**: la problematica territoriale dello sviluppo italiano. Bologna: Il Mulino, 1977.
- BECATTINI, Giacomo. Riflessioni sul distretto industriale marshalliano come concetto socioeconomico. In: **Stato e Mercato**, n. 25, 1989.
- BECATTINI, Giacomo. El distrito industrial marshalliano como concepto socioeconomico. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas**. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia. Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.
- BECATTINI, Giacomo (Org.). **Mercato e forze locali**: il distretto industriale. Bolonha: Il Mulino, 1987.
- BECATTINI, Giacomo. O distrito marshalliano. In: BENKO G.; LIPIETZ, A. (Orgs.). **As regiões ganhadoras – distritos e redes**: os novos paradigmas da Geografia econômica. Oeiras (Portugal), p.19-31, 1994.
- BRUSCO, Sebastiano. The emilian model: productive decentralization and social integration. In: **Cambridge Journal of Economics**, Cambridge, vol. 6 (2), p.167-189, 1982.
- CAPECCHI, Vittorio. Un caso de especializacion flexible: los distritos industriales de Emilia Romagna. In: PYKE, F., BECATTINI, G., SENGENBERGER, W. (Orgs.). **Los distritos industriales y las pequeñas empresas**. I: Distritos industriales y cooperacion interempresarial en Italia. Madri: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social, 1992.
- DALLABRIDA, Valdir Roque; SIEDENBERG, Dieter Rugard; FERNANDEZ, Victor Ramiro. Desenvolvimento a partir da perspectiva territorial. **Desenvolvimento em Questão**, v. 2, n. 4, p. 33-62, jul/dez., 2004.
- DUAIBS, Raquel. A economia italiana e o desenvolvimento dos distritos industriais. **Sinais**, Vitória, n. 20, p. 6-24, jul. 2016.
- FERNANDES, Bernardo Soares; SCHMIDT, Vitor Klein; ZEN, Aurora Carneiro. Distritos industriais, clusters e APL. **Revista Estratégia e Desenvolvimento**, v. 3, n. 1, 23 abr. 2020.
- GAROFOLI, Gioacchino. Formazione di nuove imprese e sviluppo locale. In: GAROFOLI, G.; JANNACCONE, P.; CAPPELLIN, R. **Le politiche di sviluppo locale**. Milão: Franco Angeli, 1988.
- GAROFOLI, Gioacchino. Os Sistemas de Pequenas Empresas. In: BENKO G.; LIPIETZ, A. (Orgs.). **As regiões ganhadoras – distritos e redes**: os novos paradigmas da Geografia Econômica. Oeiras (Portugal): Celta, p. 33-47, 1994.



GAROFOLI, Gioacchino. Sviluppo regionale e ristrutturazione industriale: il modello italiano degli anni 70. **Ressegna Econômica**, v. XLVII, n. 6, nov./dez. 1983.

GIULIANI, Elisa. Cluster absorptive capacity: why do some clusters forge ahead and others lag behind?. **European urban and regional studies**, v. 12, n. 3, p. 269-288, 2005.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

LOPES, Raul. **Competitividade, inovação e territórios**. Oeiras (Portugal): Celta Editora, 2001.

MARSHALL, Alfred; MARSHALL, Mary Paley. **The economics of industry**. Macmillan and Company, 1890.

PIORE, Michael. J.; SABEL, Charles F. **The second industrial divide**: possibilities for prosperity. New York : Basic Books, 1984.

RABELLOTTI, Roberta. **Is there an “Industrial District Model”?** Footwear districts in Italy and Mexico compared. *World Development*, v. 23, n. 1, p. 29-41, 1995.

ROTTA, Edeimar. **Desenvolvimento regional e políticas sociais no Noroeste do estado do Rio Grande do Sul**. 2007. 338 p. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

TATSCH, Ana Lúcia. A relevância do local: convergências e divergências entre as abordagens sobre aglomerações. **Economia e sociedade**, Campinas, v.22, n.2, p. 457-482, agos. 2013. Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/ecos/v22n2/a06v22n2.pdf> >. Acesso em: 1 nov. 2020.

VALE, Glaucia Maria Vasconcellos; CASTRO, José Márcio de. **Clusters, arranjos produtivos locais, distritos industriais**: reflexões sobre aglomerações produtivas. *Análise Econômica*, Porto Alegre, ano 28, n. 53, p. 81-97, mar. 2010.